

16-11-2020

## Psicopatas no poder

Rossel Lyra Desmond

[Antropóloga. Indigenista]

Meu tio Alfredinho falava sozinho. Irmão de mamãe, nunca foi abandonado por ela. Quando meu pai a pediu em casamento, mamãe sentenciou: “*Aceito, mas o Alfredo vai morar com a gente...*”

Mamãe conta que meu pai ficou uns dois meses sem tocar no assunto, até que num domingo de sol, meu pai pegou Alfredo pelo braço, chegou perto de mamãe e disse: “*Alfredo, vou casar com sua irmã e você vai morar com a gente...*” O sol se multiplicou por três nos sorrisos de mamãe, papai e Alfredinho.

Titio era muito quieto, passava o dia no grande quintal, conversava com as árvores, com os passarinhos, com as flores e ficava catando gravetos e pedrinhas para juntar em montinhos. Depois os montinhos iam mudando de lugar. Loba, a cachorra, estava sempre por perto. Era a sua melhor companhia. Quando eu tinha uns 4 ou 5 anos às vezes eu perguntava o que ele conversava com a Loba. E ele sempre dizia que eles falavam sobre as coisas do mundo. Quando Loba partiu, eu tinha uns doze anos, notei Alfredinho mais quieto, mais calado e triste. Titio não era um homem triste. Ele não falava muito com os outros mas nunca lhes negava um sorriso.

Lembro de meu pai falando com outras pessoas que Alfredo era um louco manso. Durante minha infância eu não conversava muito com ele, pois eu ficava o dia todo na escola e antes de dormir ficava com mamãe fazendo os deveres de casa. Sábados e domingos sempre tinha gente lá em casa e titio ficava mais recolhido com seus gravetos e pedrinhas. Vez ou outra sentava à mesa com nossa família, mas sempre ficava calado. Era muito magro, comia muito pouco e não bebia. Vez ou outra, nos aniversários, ele aparecia e batia palmas. Seu quarto ficava separado, no quintal atrás da casa. Ele não se importava que entrassem no seu quarto, mas foram poucas as vezes em que eu entrei durante aqueles anos em que Loba viveu. Loba dormia em seu quarto e era titio que cuidava dela.

A cachorra gostava de mim e eu dela, mas a paixão dela era o Alfredinho. Quando titio ficou triste, eu busquei me aproximar dele. Eu gostava muito dele.

No início, senti que ele ficou meio desconfiado, mas pouco a pouco foi me deixando aproximar. Quando ele estava falando sozinho eu procurava não puxar assunto. Ele nunca dizia com quem conversava e parecia não gostar de ser interrompido. Lembro que nossas primeiras conversas foram sobre a Loba.

Ele gostava de falar dela, dizia que era a única “*pessoa*” que o via como uma pessoa normal apesar dele mesmo dizer que era louco. “*Sou um louco manso, como diz seu pai.*”, certa vez me disse sorrindo. Numa dessas conversas sobre a Loba, eu lembrei a ele que uma vez ele disse que conversava com ela sobre as coisas do mundo. Ele me explicou: “*Eu converso com índios, com árvores e pessoas acorrentadas. Eles me dizem que os homens que mandam em outros homens, os que têm o poder de mandar sem serem desobedecidos são psicopatas.*”

Quando perguntei a ele o que eram os psicopatas, de imediato ele respondeu: “*São loucos como eu mas não são mansos, não são pessoas boas. São maus, são terríveis, eles matam os índios, as árvores e acorrentam pessoas. Eles fazem as guerras.*”

Anos depois tive certeza que essas conversas com meu tio Alfredinho me levaram à antropologia e aos índios. Em minha formatura, dediquei a ele e à sua lembrança meu diploma.

“Tio, mas será que todos os homens no poder são psicopatas?”, perguntava eu. Ele custou a responder a essa pergunta, mas num domingo de sol, ele me chamou e disse, sem que eu esperasse: “*Nem todos os homens no poder são psicopatas, são loucos também, mas são mansos. Mas esses são muito poucos. E logo, os psicopatas fazem de tudo para entrar no seu lugar. Cada montinho de pedrinha e de graveto que eu vou mudando de lugar no quintal é o mapa do mundo e das coisas do mundo que vão mudando de lugar. Os montinhos representam os índios mortos, as árvores arrancadas e as pessoas acorrentadas. A Loba era a única que sabia disso. Agora você também já sabe.*”

Hoje, olhando para a história do mundo, vendo que os homens nada mudaram e que muitos psicopatas pelo mundo estão no poder, exterminando índios, arrancando árvores, acorrentando pessoas e fazendo as guerras, não importa se com ou armas ou mentiras, sinto uma saudade imensa de Alfredinho. Volto ao quintal de minha infância e faço montinhos de pedrinhas e gravetos na minha lembrança. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.